

**LITERATURA DE AUTORIA FEMININA:  
REFLEXÕES DO PASSADO  
QUE CONSTROEM O FEMININO NO SÉCULO XXI**

*Livia Larissa Gomes Nunes* (UNIFLU/FAFIC/UENF)

[livnunes@gmail.com](mailto:livnunes@gmail.com)

*Gabriela Tavares Candido da Silva* (UENF/UFF)

[gabrielatcandido@gmail.com](mailto:gabrielatcandido@gmail.com)

**RESUMO**

O século XX iniciou a trajetória da literatura de autoria feminina como instrumento social e político. A escritora inglesa Virginia Woolf dedicou diversos textos a confrontar a visão de que a mulher teria menos capacidade intelectual que os homens e a escritora francesa Simone de Beauvoir publicou um amplo estudo sobre “o que é ser mulher” no livro *O Segundo Sexo*. Este artigo apresenta a reflexão da mulher sobre a própria mulher através da literatura de autoria feminina do século XX ao século XXI. Sonda-se o meio social no qual as mulheres estão inseridas e quais possibilidades este reserva a elas. As falas, poesias e reflexões literárias de Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Carolina Maria de Jesus, Chimamanda Ngozi Adichie ajudam a entender a serviço de quem está a literatura de autoria feminina, visto que, mesmo com avanços no último século, a sociedade continua a mostrar-se um ambiente de desigualdade entre os sexos.

**Palavras-chave:** Literatura feminina. Capacidade intelectual.

**Processo de criação. Construção literária.**

**1. Introdução**

O século XX iniciou a trajetória da literatura de autoria feminina como instrumento social e político. A escritora inglesa Virginia Woolf dedicou diversos textos a confrontar a visão de que a mulher teria menos capacidade intelectual que os homens e a escritora francesa Simone de Beauvoir publicou um amplo estudo sobre “o que é ser mulher” no livro *O Segundo Sexo*.

Virginia Woolf expôs suas reflexões sobre as possibilidades femininas no século XX quando palestrou à Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, em 21 de janeiro de 1931. Na ocasião, ressaltou que a literatura havia se tornado um caminho possível às mulheres porque “Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar de caneta não perturbava a paz do lar” (WOOLF, 1942, p. 10). Porém, no mesmo texto, ao narrar o início de sua experiência como escritora, revelou o que seria a primeira barreira encontrada por uma mulher da época no mundo literário.

rio. Disse Virginia Woolf: "Na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo" (WOOLF, 1942, p. 13). Em *Um Teto Todo Seu*, a autora exhibe as dificuldades impostas às mulheres de sua época e, ainda mais, às suas antecessoras para escrever e ter sucesso. Explica porque "teria sido completa e inteiramente impossível a qualquer mulher ter escrito as peças de Shakespeare na época de Shakespeare". (WOOLF, 1928, p. 61)

Isso porque um gênio como o de Shakespeare não nasce entre pessoas trabalhadoras, sem instrução e humildes. Não nasceu na Inglaterra entre os sa-xões e os bretões. Não nasce hoje nas classes operárias. Como poderia então ter nascido entre mulheres, cujo trabalho começava, de acordo com o professor Trevelyan, quase antes de largarem as bonecas, que eram forçadas a ele por seus pais e presas a ele por todo o poder da lei e dos costumes? (WOOLF, 1928, p. 61)

Simone de Beauvoir ressalta a ligação opressora entre os sexos, comparando a mulher a uma escrava ou vassala. Segundo ela, *"os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um estado de handicap [Do inglês, vantagem ou desvantagem]"* (BEAUVOIR, 1949). Ela ainda ressalta que mesmo as legislações prejudicam as mulheres.

Em quase nenhum país seu estatuto legal é idêntico ao do homem, e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. (BEAUVOIR, 1949, p. 21)

A autora define que *A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir a ser; é no seu vir a ser que deveria definir suas possibilidades* (BEAUVOIR, 1949, p. 67). Ainda na agitação do Pós Segunda Guerra Mundial, Simone de Beauvoir analisou a biologia, a psicologia, os costumes e mitos que rondam a existência feminina e concluiu em *O Segundo Sexo* que *Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1949, p. 361).

Este artigo apresenta a reflexão da mulher sobre a própria mulher através da literatura de autoria feminina do século XX ao século XXI, tendo como base escritoras que alcançaram significativo destaque. Sonda-se o meio social no qual as mulheres estão inseridas e quais possibili-

dades este reserva a elas. Visualiza-se a trajetória histórica das mulheres na literatura, assim como dificuldades para publicações. Finaliza-se com a conclusão da relevância social, cultural e política da literatura de autoria feminina, visto que, mesmo com avanços no último século, a sociedade continua a mostrar-se um ambiente de desigualdade entre os sexos.

## 2. *Primeiros passos*

Durante grande parte da história, a mulher não teve educação formal, suas possibilidades de emergir socialmente eram mínimas e a literatura não era um caminho permitido a ela. A vida das damas dos séculos passados era tomada de afazeres para o lar, para a estética e para os homens ao redor. Em *A História da Inglaterra*, publicado por George Macaulay Trevelyan em 1926, é relatado que sorrir a esposa era um direito legítimo do homem, praticado sem nenhuma vergonha, tanto nas classes altas como nas baixas; além de ser direito do pai trancafiar e espancar a filha que se recusasse a desposar o cavalheiro escolhido por ele. (*apud* WOOLF, 1928, p. 51)

Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreviam poesia no período elisabetano, e nem tenho certeza de como eram educadas: se aprendiam a escrever; se tinham salas de estar próprias; quantas mulheres tiveram filhos antes dos vinte e um anos; o que, em suma, faziam elas das oito da manhã às oito da noite. Não tinham dinheiro, decerto; segundo o professor Trevelyan, eram casadas, quisessem ou não, antes de largarem as bonecas, aos quinze ou dezesseis anos. (WOOLF, 1928, p. 58)

Virginia Woolf explorou profundamente a situação feminina e explicou porque não seria possível a uma mulher, no século XVI, tempo em que viveu William Shakespeare, ser como ele.

Basta pensar nos túmulos elisabetanos, com todas aquelas crianças ajoelhadas, de mãos unidas, e em sua morte prematura, e ver sua casa de cômodos escuros e abarrotados, para perceber que nenhuma mulher poderia ter escrito poesia naquela época. (WOOLF, 1928, p. 73)

Em seu ensaio, Virginia Woolf supõe como seria a vida de uma suposta irmã de Shakespeare que tivesse o mesmo talento que ele para a literatura. Ela não teria direito a estudar, nem tempo para a leitura, seria ridicularizada por seus devaneios. Se, ainda assim, insistisse em suas ambições teria que ir contra sua família, se aventurar; teria sido seduzida, se veria grávida.

Quem pode medir o fogo e a violência do coração do poeta quando capturado e enredado num corpo de mulher? – matou-se numa noite de inverno, e

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

está enterrada em alguma encruzilhada onde agora param os ônibus em frente ao Elephant and Castle. (WOOLF, 1928, p. 61)

Mais tarde seria possível que algumas mulheres "tirassem proveito de sua relativa liberdade e conforto para publicar algo com seu nome e arriscar-se a ser considerada um monstro" (WOOLF, 1928, p. 73). Segundo Virginia Woolf, esse foi o caso de Anne Finch Winchilsea, nascida em 1661; que era nobre, não tinha filhos e escrevia repleta de indignação contra a posição das mulheres. Sem ter o respeito da sociedade, era difícil se livrar do escárnio e das risadas, o que levava as pretensas escritoras a um quadro de melancolia profunda. Ao perceberem que eram tratadas como mulheres loucas, entravam de fato em um quadro de perturbação emocional.

Ai da mulher que tenta a pena!  
É vista como tão presunçosa criatura  
Que nenhuma virtude pode redimir-lhe a falha.  
Dizem-nos que confundimos nosso sexo e maneiras;  
Boa educação, moda, dança, roupas e divertimentos;  
Eis os dotes que deveríamos desejar;  
Escrever, ou ler, ou pensar, ou indagar  
Turvariariam nossa beleza e esgotariam nosso tempo,  
E interromperiam as conquistas de nossa plenitude,  
Enquanto a direção tediosa de uma casa servil  
É tida por alguns como nossa maior arte e serventia.

(*apud* WOOLF, 1928, p. 74 e 75).

Durante a história, diversos talentos literários não foram explorados e muitas mulheres foram atormentadas por ódios e ressentimentos. Muitas não mergulharam no mundo da literatura devido regras, moral e costumes. Virginia Woolf abre as cartas de Dorothy Osborne, onde a jovem deixava claro que nunca se arriscaria "a escrever livros, e versos também; nem que não dormisse por duas semanas chegaria a isso" (*apud* WOOLF, 1928, p. 78). Uma mulher recatada não poderia escrever livros, então Dorothy, que era sensível e melancólica, só escreveu cartas, como a do trecho a seguir:

É muito comum, quando estamos no meio da nossa conversa, uma delas olhar em volta e ver a sua vaca dobrando a esquina, e lá se vão todas correndo, como se tivessem asas nos pés. Eu, que não sou tão ágil, fico para trás, e quando as vejo levando seu gado para casa acho que é hora de me recolher também, feita a ceia, vou para o jardim e então para a margem de um riozinho que corre junto dele, onde me sento e desejo que você estivesse comigo... (*apud* WOOLF, 1928, p. 79)

Ao ler Dorothy Osborne, Virginia Woolf vê com clareza quali-

dades essenciais que dariam vida a uma escritora. Mas, pelo repúdio da moça à possibilidade de escrever um livro,

pode-se medir a conspiração que havia no ar contra a mulher que escrevesse, quando se constata que até mesmo uma mulher com um grande pendor para a literatura fora levada a crer que escrever um livro significava ser ridícula, e até mesmo mostrar-se perturbada. (WOOLF, 1928, p. 80)

Uma mulher podia escrever cartas sentada junto ao leito de dor do pai. Podia escrevê-las junto à lareira, enquanto os homens conversavam, sem perturbá-los. O mais estranho, pensei, folheando as páginas das cartas de Dorothy, é o talento que tinha essa jovem solitária e sem instrução para compor uma frase, para moldar uma cena. (WOOLF, 1928, p. 79)

No século XVII, uma inglesa se viu obrigada a encontrar um meio de viver, sustentando-se como um homem. Uma mulher de classe média, arrojada como uma plebeia, conseguiu na literatura uma forma de sustento. Com esse feito, Aphra Behn deixou para trás aquelas que escreveram sem plateia e fez uma curva na história. Foi

forçada pela morte do marido e por algumas infelizes aventuras pessoais a ganhar a vida por meio da inteligência. Ela teve que trabalhar em igualdade de condições com os homens. Conseguiu, esforçando-se muito, o bastante para viver.

A importância desse fato supera qualquer coisa que ela tenha efetivamente escrito, mesmo os esplêndidos “A thousand martyrs I have made” ou “Love in fantastic triumph sat”, pois aí começa a liberdade da mente, ou melhor, a possibilidade de que, no decorrer do tempo, a mente venha a ser livre para escrever o que bem quiser. Pois agora que Aphra Behn o havia conseguido, as moças podiam ir até seus pais e dizer: “Vocês não precisam dar-me uma pensão; posso ganhar dinheiro com minha pena”. É claro que a resposta, por muitos anos seria: “Sim, vivendo a vida de Aphra Behn! Melhor a morte”. E a porta seria batida mais depressa que nunca. (WOOLF, 1928, p. 80)

Mesmo com todo o preconceito, uma mulher escrever havia deixado de ser um sinal de loucura depois que Aphra Behn provou que era possível ganhar dinheiro com literatura. Percebeu-se que a mulher poderia ajudar com as despesas da casa e estar pronta caso alguma desgraça atingisse a família.

Centenas de mulheres começaram, no decorrer do século XVIII, a contribuir para o provimento das despesas pessoais ou ir em socorro da família, fazendo traduções ou escrevendo os inúmeros romances de má qualidade que deixaram de ser registrados até mesmo nos compêndios (...). (WOOLF, 1928, p. 81)

Assim no término do século XVIII promoveu-se uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria mais integralmente e consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou as Guerras das Rosas: a mu-

### 3. O século XXI

No século passado, Simone de Beauvoir disse em *O Segundo Sexo* que

Não somos mais como nossas predecessoras: combatentes. De maneira global ganhamos a partida, mas a mesma autora alertou que a luta ainda estava no começo. Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. (BEAUVOIR, 1949, p. 29)

O feminismo ainda encontra grande resistência atualmente e a palavra “feminista” incomoda não só a sociedade brasileira, mas grande parte do mundo. A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie é um retrato de autora do século XXI. É aclamada como um grande nome da literatura atual e colhe frutos de escritoras que abriram caminho para as mulheres de hoje. Assim como Virginia Woolf no século anterior, Chimamanda Ngozi Adichie, além de escrever romances, se faz voz para reflexões sobre o tratamento recebido pelas mulheres na sociedade.

Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. (ADICHEI, 2014, p. 14)

Embora, o ocidente tenha uma grande quantidade de autoras reconhecidas que refletiram a questão de gênero e uma sociedade em que muitos negam a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, o cotidiano não nega essa desigualdade. Assim como relata Chimamanda Ngozi Adichie, a desigualdade que salta aos olhos de uns passa despercebida aos olhos de outros.

Eu tendo a cometer o erro de achar que uma coisa óbvia para mim também é óbvia para todo mundo. Um dia estava conversando com meu querido amigo Louis, que é um homem brilhante e progressista, e ele me disse: “Não entendo quando você diz que as coisas são diferentes e mais difíceis para as mulheres. Talvez fosse verdade no passado, mas não é mais. Hoje as mulheres têm tudo o que querem”. Oi? Como o Louis não enxergava o que para mim era tão óbvio? (ADICHEI, 2014, p. 6).

No último século, mulheres deram voz audível às aflições e opressões caladas por séculos. Deram a suas sucessoras a chance de se construir sobre outros alicerces, mas o caminho ainda é longo. “O Anjo do Lar” [referência ao poema de Coventry Patmore (1823-1896), que celebrava o amor conjugal e idealizava a mulher) ainda será um fantasma na construção da personalidade de muitas mulheres. “Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar”. (WOOLF, 1928, p. 17).

Assim como Simone de Beauvoir, é preciso questionar: “Que possibilidades nos foram oferecidas, exatamente, e quais nos foram recusadas? Que destino podem esperar nossas irmãs mais jovens e em que sentido convém orientá-las?” (BEAUVOIR, 1949, p. 29). Essa é a pergunta que muitas autoras se fazem e levam a seus leitores.

Meu pai sempre disse: “Malala será livre como um pássaro”. Eu sonhava em subir até o topo do Monte Ilam, como Alexandre, o Grande, para tocar Júpiter. Sonhava também em ir mais além do vale. Mas, ao observar meus irmãos correndo para subir no terraço, empinando suas pipas com destreza, movimentando a linha para a frente e para trás a fim de ver quem seria o primeiro a cortar o fio que mantinha no ar a pipa do outro, eu me perguntava quão livre uma filha poderia ser. (MALALA, 2013, p. 23)

#### **4. Considerações finais**

A presença da mulher na literatura se dá *a priori* pela necessidade de dizer. Suas falas são gritos de luta e de socorro. No Brasil, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) expressou uma alma sedenta por comida, educação e direitos básicos para a mulher pobre, negra e favelada na cidade de São Paulo. Sua escrita representa rebeldia contra um sistema que não garante educação para os mais pobres. Sua aspereza emoldura a linguagem de histórias aguerridas do país. Em *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus fala de uma realidade que não é apenas sua. A literatura é um veículo capaz de dar voz a quem não tem voz; dar representatividade a quem não a tem. Quando se é excluído dos meios de comunicação, de cultura e de saber, a arte se transforma em instrumento de combate.

É sobre autênticas e vivas mulheres escritoras que nos debruçaremos neste trabalho. As falas, poesias e reflexões literárias de Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Carolina Maria de Jesus, Malala Yousafzai e Chimamanda Ngozi Adichie ajudam a entender a serviço de quê, para quê ou para quem está a literatura de autoria feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática. 2007.
- TREVELYAN, George Macaulay. *A História da Inglaterra*. Lisboa: Cosmos, 1945.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&M, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- YOUSAFZAI, Malala. *Eu sou Malala*. São Paulo: Schwarcz, 2013.